

O que as crianças do campo fazem fora da escola? Reflexões sobre cultura e infância em territórios rurais de Santa Catarina

What do countryside children do outside school? Reflections on culture and childhood in rural territories of Santa Catarina

*Soraya Franzoni Conde**

RESUMO

Este trabalho aborda a relação entre a cultura e a infância em territórios não urbanos do estado de Santa Catarina. Busca perceber as manifestações culturais infantis fora da escola, de modo a apreender a relação entre infância, cultura, vida e território do campo. Ele persegue os seguintes questionamentos teóricos e práticos: o que as crianças fazem e vivem fora da escola? Como infância e cultura se relacionam? Como é ser criança no campo catarinense? O trabalho parte de 479 desenhos e redações de crianças entre 4 e 10 anos de idade coletadas entre 2010 e 2011 em 11 escolas localizadas no campo catarinense com o parte de pesquisa de doutorado em educação desenvolvida pela autora.

Palavras-chave: Infância. Cultura. Educação Infantil do Campo.

ABSTRACT

This work approaches the relationship between culture and childhood in non - urban territories of the state of Santa Catarina. It seeks to perceive children's cultural manifestations outside school, in order to understand the relationship between childhood, culture, life and territory of the countryside. The article investigates the following theoretical and practical questions: What do children do and cope with out of school? How does childhood and culture relate with each other? What is it like to be a child in the countryside of Santa Catarina? The work is based on 479 drawings and written compositions made by 4 to 10 year-olds, collected between 2010 and 2011 in 11 schools located in the countryside of Santa Catarina, as part of the doctoral research in education developed by the author.

Keywords: Childhood. Culture. Early Childhood Education.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre a cultura e a infância em territórios não urbanos do estado de Santa Catarina. Busca perceber as manifestações culturais infantis fora da escola, de modo a apreender a relação entre infância, cultura, vida e território do campo. Parte da análise de 479 desenhos e redações de crianças entre 4 e 10 anos de idade, residentes nos seguintes municípios do interior

* Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação, do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e colaboradora no Programa de Pós Graduação em Serviço Social/UFSC. Email: sorayafconde@gmail.com

catarinense: São Bonifácio, Imbuia e Canoinhas. Os desenhos e as redações foram coletadas em 2010 e 2011 com a mediação do/a professor de sala e buscaram dar vez e voz às crianças, sujeitos protagonistas da pesquisa. Os desenhos são parte da pesquisa de doutorado em educação, defendida em 2012, e que na ocasião focou a análise no problema do trabalho infantil na fumicultura catarinense, descartando outras possibilidades de análise dos desenhos e depoimentos coletados. Este trabalho, recupera parte da pesquisa e foca na relação entre cultura e infância.

Na atualidade, os modos de viver a infância e ser criança vêm sofrendo inúmeras transformações refletidas nas produções culturais infantis. É necessário perceber a cultura como parte da natureza social humana, pois as crianças nascem e se educam num mundo criado pelas gerações anteriores, sendo, portanto, por meio da inserção na cultura dada que a criança aprende, se apropria dos modos de ser e se humaniza. Historicamente, como as crianças foram protegidas do espaço produtivo do trabalho, a brincadeira, o lúdico e as expressões culturais populares e improdutivas encontraram em suas práticas possibilidades reais de produção e reprodução.

De maneira geral, pesquisas e instituições educativas respaldam-se em processos hegemônicos e urbanocêntricos de socialização e menosprezam a produção das culturas infantis de meios populares e oriundos de territórios fora dos grandes centros urbanos. A superação dessa realidade requer considerar as especificidades e a alteridade das crianças em relação aos adultos e os aspectos que envolvem a valorização e o reconhecimento da vida e da cultura nos diversos territórios não urbanos.

A cultura como parte da natureza humana

Entendemos a cultura a partir da teoria histórico cultural (THC) e dos estudos na área da Sociologia (FERNANDES, 2004), da Antropologia (LARAIA, 2001), da Psicologia (VIGOTSKI, 2002; VIGOTSKI; LURIA and LEONTIEV; 2006).

Segundo a teoria histórico cultural, inaugurada por Vigotski, Luria e Leontiev no contexto da antiga União Soviética, a cultura é um dos elementos diferenciadores do ser humano em relação aos outros seres da natureza. Ao investigarem a organização de processos mentais em diferentes culturas, os autores percebem que o psiquismo se constitui ao longo da vida e não é algo previamente existente.

Dessa forma, as principais características do comportamento humano não estão presentes desde o nascimento, mas elas resultam da interação entre o sujeito e o meio social. Ao modificar o ambiente o homem modifica a si mesmo e, nesse processo, aparecem as funções psicológicas humanas como resultado da interação de aspectos biológicos e culturais/históricos.

O desenvolvimento mental não é dado à priori, como se existisse uma essência humana prévia, e nem é independente das formas históricas. Os homens, ao satisfazerem suas necessidades por meio do trabalho, produzem relações sociais e formas culturais próprias. A relação do homem com o mundo

é mediada por ferramentas/signos/instrumentos fornecidos de geração em geração por meio da educação e da cultura. As mudanças no contexto geram mudanças no comportamento (VIGOTSKI, 2002).

Nas relações sociais, a criança incorpora práticas culturais consolidadas de forma não estanque, mas como um “palco de negociações” com criação e reinterpretação. Os adultos procuram incorporar nas crianças a sua cultura atribuindo significado ao uso de objetos (talher, berço, sapato, entre outros). O papel do outro é fundamental nesse processo. É por meio dessa mediação que ocorre a apropriação do patrimônio cultural produzido pela humanidade ou por cada localidade. Cada sujeito individualmente é expressão da sua coletividade e da sua cultura que pertence.

Laraia (2001), traz uma importante compreensão para as análises que se debruçam à compreensão da cultura. O autor, assim como Vigotski, compreende que a cultura influencia o comportamento social e diversifica a humanidade apesar de sua unidade biológica. O autor identifica que no decorrer do desenvolvimento humano, destaca-se a capacidade de aprender e a plasticidade cerebral. A antropologia clássica defende a cultura como tudo aquilo que não é passado pela transmissão genética. Laraia (2001) entende que não podemos negar as questões de ordem biológicas, mas o ser humano vai além das limitações biológicas.

Ao adquirir a cultura do seu grupo social, o sujeito distancia-se das características geneticamente determinadas, tornando-se, portanto, produto do meio social. Tanto Laraia (2001) como Vigotski, Luria and Leontiev (2006), indicam que o aparecimento da linguagem permite um salto para o desenvolvimento humano. A linguagem que aparece na necessidade social interfere de maneira radical na cultura humana e na própria natureza humana.

Para ambos autores, o salto da natureza para a cultura foi lento e contínuo. O corpo formou-se aos poucos e muitas partes desenvolveram-se após o aparecimento da cultura. Diferentes hábitos e formas culturais interferiram na formação do corpo humano da forma como o conhecemos hoje. A cultura desenvolve-se simultaneamente ao equipamento biológico humano de tal forma que ela pode ser compreendida como parte da natureza humana.

Fernandes (2004), no clássico intitulado “As trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis” realiza o primeiro estudo sociológico sobre crianças e cultura desenvolvido no Brasil e traz uma contribuição ímpar para pensarmos a relação entre as crianças e a cultura. Já no início do texto, Roger Bastide (orientador de Florestan Fernandes no trabalho) reconhece que há diferenças e distâncias entre a forma de ser adulto e a forma de ser criança, atestando que os adultos também vivem dentro de suas “fronteiras”:

Olhamos as crianças, fingimos nos interessar por suas atividades, repreendemo-las quando fazem barulho, quando brincamos fazemos por meio de imagens nostálgicas de nossa infância desaparecida. Para poder estudar a criança é preciso tornar-se criança. Não basta observar de fora. É preciso penetrar em suas preocupações, paixões, viver o brinquedo. (BASTIDE, 2004, p. 1)

Na direção de valorizar os folclores infantis na sua especificidade e na relação com o universo adulto, Florestan (2004) crítica as teorias que indicam que as crianças apenas imitam/reproduzem as manifestações culturais dos adultos. Nesse mesmo sentido, ao pesquisar agrupamentos infantis de filhos/as de imigrantes trabalhadores da cidade de São Paulo, o autor afirma eles constituem um grupo mais ou menos fechado e tradicionalista. Muitas cantigas infantis, palavras, gestos são oriundas da Europa, de romances portugueses e espanhóis que sobrevivem no tempo nas brincadeiras e manifestações culturais infantis.

Ao conviver com os agrupamentos infantis nas ruas de São Paulo, o autor percebe que as formas de organização infantis reproduzem elementos da vida adulta como, por exemplo, a intolerância aos estranhos. As relações são organizadas e regulamentadas, havendo punições aos transgressores. Os grupos costumam ser fechados e não misturam meninos e meninas. Os transgressores são designados de forma pejorativa entre os membros. No caso das meninas, a transgressão tem repercussões maiores do que entre meninos.

Na mesma direção da perspectiva histórico cultural, Fernandes (2004), evidencia que o processo de formação da cultura infantil tem uma natureza lúdica e provém da cultura adulta, transferida para o círculo infantil que o reinterpreta para além das análises simplistas de imitação e mera reprodução direta. Prova disso é o fato de que uma mesma brincadeira ou folclore aparecer modificada dependendo do tempo e do espaço. Contudo, conservam a função social de congregar valores e transmiti-los pela recreação aos indivíduos.

O que apontam os desenhos e as redações das crianças

Entre as 479 redações e desenhos de crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental coletados, 38,5% são do município de Imbuia; 31,5% de Canoinhas; e 29,9% de São Bonifácio. Com relação ao sexo, 53,2% pertencem ao sexo feminino e 46,7% ao masculino.

Para compreender o contexto e a forma como a inserção da criança na cultura e na educação familiar do campo ocorre, é preciso considerar dois elementos fundamentais: a preocupação familiar com o futuro da propriedade rural e a ausência de escolas próximas às suas residências (*apud* CONDE, 2012):

A lei diz que até 18 anos não pode ir para a roça. Mas até lá vai fazer o quê? Como eles vão saber trabalhar aos 18 anos se não nos acompanharem na roça? Hoje, as crianças vão para a roça porque também não podem ficar sozinhas em casa. Na roça, um cuida do outro, e o tempo passa mais rápido. Não há escola. Não há creche. As crianças tem que ir junto com os pais¹.

A ausência de escolas é um problema para a família do campo que acaba levando as crianças para o trabalho. Além disso, depoimentos de familiares apontam que as crianças, entre 0 e 5 anos, frequentam escolas de Ensino

¹ C. S. V. Entrevista concedida a Soraya Franzoni Conde em 7 de outubro de 2010. *Apud* Conde, 2012.

Fundamental destinadas para crianças maiores ou acompanham os pais na roça durante o trabalho:

(1) De manhã, arrumo a minha cama, venho para escola e meio-dia vou para casa, almoço, lavo a louça e vou brincar. Depois, eu jogo bola e videogame. De noite, eu tomo banho, janto, assisto TV e vou dormir. No sábado, fico assistindo TV e vou na catequese. No domingo, vamos na missa, jogo videogame e assisto televisão².

(2) De manhã, vou para a escola. Depois, ajudo a minha mãe lavando a louça do almoço. Faço a tarefa e vou jogar bola. À noite, eu também lavo a louça do jantar. Quando visitamos a minha avó, todos ajudam ela, porque ela está doente. Nas férias, eu vou para a casa dos meus tios na praia dos sonhos³.

Os dois exemplos acima evidenciam como a ajuda na organização da vida familiar se mistura às formas de ser criança no campo e permite a participação na organização coletiva da vida da família. Evidenciam que no campo é possível viver a infância e ser criança para além dos espaços do trabalho, da ajuda. É possível, se aventurar, tomar banho de rio e andar de bicicleta pela roça, num convívio intenso com a natureza, os animais, a família e a comunidade como evidencia o relato desta criança de 10 anos de idade que relata uma inusitada aventura num passeio pela roça:

(3) Eu brinco de bicicleta e faço as tarefas de casa. Vou na casa da minha avó, e ela me compra chup-chup e me dá um monte de bala. Quando meu primo está lá, vamos andar de bicicleta e damos um monte de sustos nela. Uma vez, eu dei um susto na minha avó, e ela quase desmaiou!!! Depois, meu pai foi para a venda, e eu e meu primo saímos de bicicleta para tomar banho gelado de rio. Depois, fui para casa, e meu cachorro quase me mordeu! Fui brincar de bicicleta, e meu cachorro foi atrás. Onde eu ia de bicicleta, ele ia atrás. De repente, parou na frente da bicicleta, e eu levei um tombo. A bicicleta virou, eu pulei dela, o freio quebrou e ficou pendurado na roda. Eu caí, me machuquei, arranhei a bicicleta e furou o pneu da frente. Foi uma aventura daquelas [...]4.

É importante salientar que de acordo com a perspectiva da teoria histórico cultural, a brincadeira não é uma atividade alucinatória que nasce do nada, naturalmente na criança, mas ela reflete a realidade e deriva das condições e relações concretas de vida. Ao brincar de bicicleta, de lojinha, de laçar boi, fazer comidinha, ser cliente ou vendedor a criança busca agir de modo próximo ao que observou na realidade. Assim, a brincadeira é uma atividade social humana que supõe contextos culturais e sociais a partir dos quais a criança recria a realidade com sistemas simbólicos próprios. Vigotski (2002) afirma que a criança tem uma liberdade ilusória ao brincar, pois ela sempre segue regras implícitas ou explícitas pelas relações sociais.

Por outro lado, como as relações humanas são dialéticas destacamos que as brincadeiras também podem ir além do real, evidenciando sonhos, críticas, desejos e devaneios infantis. Embora tais momentos possam ser insuflados pela

² E. N., 9 anos. Depoimento concedido a Soraya Franzoni Conde em 10/11/2010. Apud Conde, 2012.

³ T. S., 10 anos. Depoimento concedido a Soraya Franzoni Conde em 10/11/2010. Apud Conde, 2012.

⁴ F. K. H., dez anos. Depoimento concedido a Soraya Franzoni Conde em 21/10/2010. Apud Conde, 2012.

realidade concreta em que a criança vive, as dimensões subjetivas e teleológicas humanas permitem que a criança faça abstrações e vá além do que a realidade determina.

Os desenhos e as redações coletadas ilustram as formas como a brincadeira, o trabalho e a ajuda se misturam na vida e na cultura de crianças filhas de agricultores de Santa Catarina. Expressam que muitas crianças acordam cedo para irem à roça com suas famílias. Muitas, ganham uma enxadinha desde pequena para que possam imitar e brincar de trabalhar e capinar na roça. Nessa ocasião, destaca-se o fato de estarem no contexto do trabalho e, ao verem os adultos trabalharem, participam do momento seja imitando, ajudando ou aprendendo como se trabalha. Ainda que não exista cobrança familiar acerca da produtividade da criança, destaca-se o fato dela estar exposta às intempéries climáticas, a picadas de insetos ou outros animais e ao uso de agrotóxicos que contamina todo ambiente.

Figura 1: Desenho de criança de 9 anos



Fonte: CONDE, 2012, PESQUISA DE CAMPO

Ao estar inserida na atividade familiar de trabalho, a criança reproduz essa cultura por meio da brincadeira e da ajuda, o que favorece a aprendizagem da forma de trabalho de sua família e contribui para a assimilação de sua cultura, inserção e aceitação em seu grupo social. Tal fato acarreta consequências ao seu desenvolvimento, pois a criança, por estar em fase de crescimento, está mais suscetível à intoxicações, desidratação e desgastes físicos.

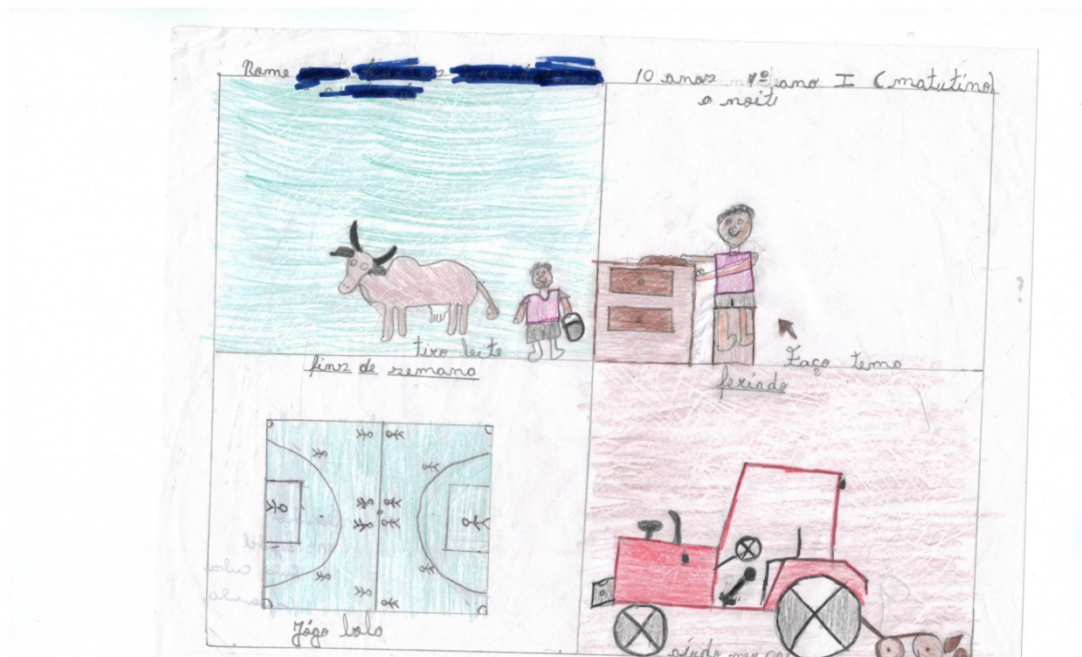
Figura 2: Desenho de criança de 8 anos



Fonte: CONDE, 2012, PESQUISA DE CAMPO

Entre períodos de acompanhamento dos pais na roça, aparecem brincadeiras de bicicleta e rolimã na rua. Chama atenção o fato da rua desenhada ser verde ou marrom, ter árvores, patos, flores. Aparecem banhos de rio e cachoeira na rotina das crianças. Por vezes, os desenhos evidenciam chuveiros desenhados do lado de fora da casa. O trato dos animais (vacas, coelhos, cachorros, patos, galinhas, porcos) também aparecem sempre na rotina das crianças e as brincadeiras são, por vezes, acompanhadas por cachorros, patos, borboletas, passarinhos. Banhos de piscina no verão, cuidar de borboletas, colher repolho, plantar arvoretinhas, andar de patinete, brincar de esconde esconde, fazer o tema da escola, passeios no final de semana com a família, visita na casa de parentes, encontrar primos para brincar, montar à cavalo, ir ao pesque e pague, à pracinha, à igreja e à catequese também aparecem nos desenhos de meninos e meninas. O ônibus escolar está presente em vários desenhos, expressando que esse transporte faz parte da realidade das crianças do campo. É comum reclamarem que ficam mais de uma hora no transporte sem assento adequado aos seus corpos pequenos e a ausência de cinto de segurança funcionando em número suficiente.

Figura 3: Desenho de criança de 10 anos



Fonte: CONDE, 2012, PESQUISA DE CAMPO

Alguns desenhos trazem o céu estrelado no período noturno quando as crianças se desenhavam dormindo e dizem estar sonhar com estrelas. Evidentemente, por residirem fora dos grandes centros urbanos, o céu, durante o período noturno, aparece bem estrelado.

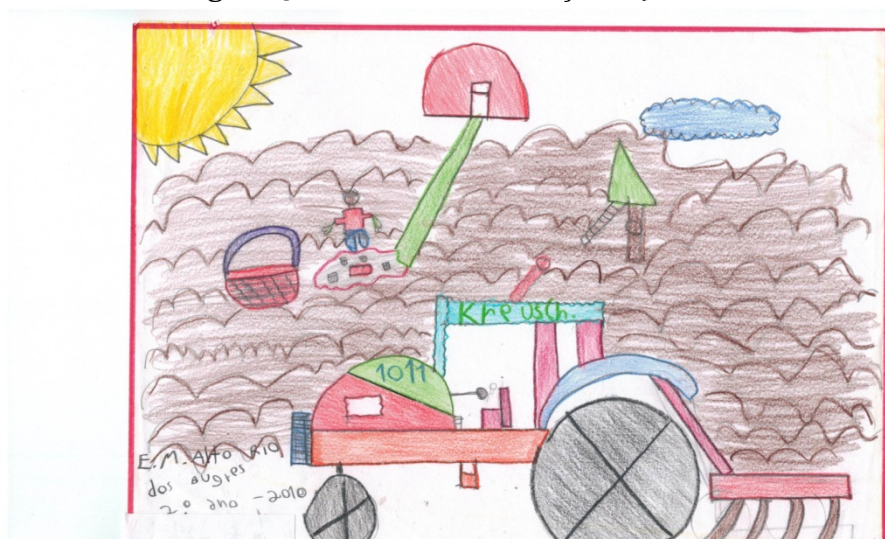
Assistir televisão e jogar vídeo game aparecem repetidas vezes, o que desmistifica uma suposta romantização da infância do campo como se ela estivesse livre dos males, do consumismo e do acesso às tecnologias midiáticas e seus respectivos conteúdos ideológicos.

Figura 4: Desenho de criança de 8 anos



Fonte: CONDE, 2012, PESQUISA DE CAMPO

Figura 5: Desenho de criança de 9 anos



Fonte: CONDE, 2012, PESQUISA DE CAMPO

As questões culturais de gênero se destacam. Enquanto os meninos se desenham dirigindo tobatas (dos mais variados modelos), aprendendo a laçar o boi, brincando de carrinhos e bicicletas, indo para a roça, tratando dos animais, correndo atrás de porcos no chiqueiro, tirando leite da vaca, pescando no açude, caçando tatu, empinando pipa, jogando bola no campinho; as meninas desenham brincadeiras dentro de casa, de boneca, pular corda, pendurar a roupa no varal, arrumar a cama e o quarto, colher ovos no galinheiro, regar as flores em volta da casa, colher frutas no pomar, pular coroa, brincar de balanço de pneu amarrado em árvore, ajudar na cozinha e na limpeza da casa, cuidar dos irmãos bebês.

Figura 6: Desenho de criança de 8 anos



Fonte: CONDE, 2012, PESQUISA DE CAMPO

Em quase todos depoimentos e desenhos, trabalho, ajuda e brincadeira se misturam num ambiente arborizado e repleto de área verde. Mas, é preciso evidenciar o quanto a cultura e infância do campo se distanciam da imagem romântica rousseuniana do brincar junto à natureza, da aproximação com o belo e o bom do mundo, pois a maior parte dos desenhos e das redações evidenciam rotinas tomadas por muito trabalho, o que se intensifica ainda mais nas férias escolares.

Figura 7: Desenho de criança de 8 anos



Fonte: CONDE, 2012, PESQUISA DE CAMPO

Conclusões

De maneira geral, pesquisas e instituições educativas respaldam-se em processos hegemônicos e urbanocêntricos de socialização e menosprezam a produção das culturas infantis de meios populares e oriundos de territórios fora dos grandes centros urbanos. A superação dessa realidade requer considerar as especificidades e a alteridade das crianças em relação aos adultos e os aspectos que envolvem a valorização e o reconhecimento da vida e da cultura nos diversos territórios não urbanos, como tentamos neste trabalho.

Em quase todos os depoimentos e desenhos, trabalho, ajuda e brincadeira se misturam num ambiente arborizado e repleto de área verde. Mas, é preciso evidenciar o quanto a cultura e infância do campo se distanciam da imagem romântica rousseuniana do brincar junto à natureza, da aproximação com o belo e o bom do mundo, pois a maior parte dos desenhos e das redações evidenciam rotinas tomadas por muito trabalho, o que se intensifica ainda mais nas férias escolares.

Referências Bibliográficas

BASTIDE, R. *Prefácio*. In: FERNANDES, F. As “Trocinhas” do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos infantis. In: *Proposições*. v. 15, n 1 (43) – jan/abril.2004.

CONDE, S. F. *A escola e a exploração do trabalho infantil na fumicultura catarinense*. Florianópolis, SC: PPGE/UFSC. (tese de doutorado em Educação). 2012.

FERNANDES, F. As “Trocinhas” do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos infantis. In: *Proposições*. v. 15, n 1 (43) – jan/abril.2004.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIGOTSKI, L. S. & LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2006.

Recebido em 03/11/2016.

Aprovado em 12/12/2016.